



Apóstolo Paulo: vocação, missão e vida espiritual a partir da 1Cor 9,15-18 e do Documento de Aparecida

Apostle Paul: vocation, mission and spiritual life from 1Cor 9,15-18 and the Aparecida Document

*Waldecir Gonzaga**

PUC-Rio

*Rodrigo Silva***

PUC-RS

Recebido em: 30/11/2023. Aceito em: 03/12/2023.

Resumo: O 3º Ano Vocacional da Igreja no Brasil quer favorecer a reflexão e despertar a consciência vocacional de todos os cristãos. Este artigo oferece uma reflexão sobre vocação, missão e vida espiritual do apóstolo Paulo à luz da perícopes da 1Cor 9,15-18 e do Documento de Aparecida. Paulo, ao encontrar-se com Jesus no caminho de Damasco e cair por terra, deixa-se transformar pela voz que o chama. O despertar vocacional é fruto de um encontro amoroso, sendo que a iniciativa é sempre de Deus que nos ama. A vocação leva necessariamente à missão. A missão é o transbordamento do coração, ou seja, o compromisso com o “ide”, pedido feito por Jesus aos apóstolos no final dos Evangelhos de Mateus (28,19-20) e de Marcos (16,11-16). Perseverar na vocação e na missão exige a intimidade com Aquele que chama e envia, ou seja, o cultivo da espiritualidade.

* Pós-Doutor em Teologia Bíblica (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE, Belo Horizonte, MG, 2017). Doutor em Teologia Bíblica (Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, 2006). Mestre em Teologia Bíblica (Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, 2000). Licenciatura Plena em Filosofia (Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Toledo, PR, 1994). Bacharel em Teologia (Centro de Estudos da Arquidiocese de Ribeirão Preto – CEARP, Ribeirão Preto, SP, 1991). Bacharel em Filosofia (Centro de Estudos da Arquidiocese de Ribeirão Preto – CEARP, Ribeirão Preto, SP, 1987).

E-mail: waldecir@hotmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9171678019364477> e ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-5929-382X>.

** Mestrado em Teologia Sistemática em curso pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Bacharel em Filosofia (Faculdade São Luiz, Brusque, 2006). Bacharel em Teologia (Faculdade Católica de Santa Catarina, FACASC, 2011).

E-mail: rodrigoimanui@hotmail.com. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5841920736125058> e ORCID ID: <https://orcid.org/0009-0003-3980-4831>.





Três dimensões concêntricas e integrais que, quando alimentadas mutuamente, transformam-se em frutos para o bem das comunidades eclesiais.

Palavras-chave: Vocação; missão; espiritualidade; encontro; conversão.

Abstract: The 3rd Vocational Year of the Church in Brazil wants to encourage reflection and awaken vocational awareness of all Christians. This article offers a reflection on the vocation, mission and spiritual life of the apostle Paul in the light of the pericope of 1Cor 9,15-18 and the Aparecida Document. Paul, upon meeting Jesus on the way to Damascus and falling to the ground, lets himself be transformed by the voice that calls him. Vocational awakening is the fruit of a loving encounter, the initiative always coming from God who loves us. Vocation necessarily leads to mission. The mission is the overflow of the heart, that is, the commitment to “go”, a request made by Jesus to the apostles at the end of the Gospels of Matthew (28,19-20) and Mark (16,11-16). To persevere in the vocation and mission undertaken intimacy with the One who calls and sends, that is, the cultivation of spirituality. Three concentric and integral dimensions that, when mutually nourished, become fruit for the good of ecclesial communities.

Keywords: *Vocation; mission; spirituality; meeting; conversion.*

Introdução

O 3º Ano Vocacional que foi celebrado no Brasil trouxe como tema para reflexão: “Vocação: Graça e Missão”. O lema foi inspirado no Evangelho de Lucas, na perícopa dos Discípulos de Emaús: “Corações ardentes, pés a caminho” (Lc 24,32-33). O objetivo do 3º Ano Vocacional foi “promover a cultura vocacional nas comunidades eclesiais, nas famílias e na sociedade, para que sejam ambientes favoráveis ao despertar de todas as vocações, como graça e missão, a serviço do Reino de Deus”¹. A missão é sempre resposta ao chamado vocacional, seguida de uma transformação de vida² em prol do Reino, no serviço a Deus e aos irmãos, na Igreja e no mundo.

Este artigo tem o objetivo de ampliar a reflexão e trazer para o centro o testemunho vocacional de Paulo, o “apóstolo e mestre das nações” (Rm 11,13; 1Tm 2,7), a partir da perícopa de 1Cor 9,15-18, uma das cartas tidas por *protopaulinas* ou como autenticamente paulinas³. A fidelidade vocacional e a perseverança na missão exigem dos discípulos o cultivo da vida espiritual. Em vista disso, como afirma Tolentino Mendonça:

¹ TEXTO-BASE, Vocação: Graça e Missão, p. 14.

² GONZAGA, W.; MIRANDA, B. G., *Mc 10,46-52: Bartimeu, de mendigo em Jericó a discípulo*, p. 541-568.

³ GONZAGA, W., *O Corpus Paulinum no Cânon do Novo Testamento*, p. 19-41.



“Pensemos, então, na relação com Deus como uma relação de amizade”⁴, proximidade e intimidade. O cristão deve, pela força do Espírito Santo, encontrar nas Sagradas Escrituras sua “fonte de alimentação e inspiração”. Nos livros sagrados, Deus fala e vem de forma amorosa ao encontro dos seus filhos. É através deste diálogo, que a Palavra de Deus, revelada nas Sagradas Escrituras torna-se o “apoio, a solidez da fé para os filhos da Igreja, alimento da alma, fonte pura e perene de vida espiritual”⁵.

Vocação e missão são realidades intrínsecas ao encontro com Jesus, frutos da experiência eclesial. Paulo, a partir do chamado, da conversão, do testemunho, inspira-nos a abrimos os olhos, os ouvidos e o coração para as vozes que ressoam em nosso “caminho de Damasco” (At 9,1-19). Segundo Catão: “A Sagrada Escritura é o registro histórico-cultural dessa vida de relação de Deus com o povo, no seio do qual o próprio Verbo de Deus assumiu a carne, habitou entre nós e comunicou o seu Espírito”⁶; para Espeja: “O Espírito é como o vento que traz as nuvens para que fecundem a terra, como ar que respiramos e a todos nos une, como a água que dá a vida e o frescor”⁷. Escutar a voz de Jesus, fez com que Saulo caísse de sua montaria e passasse a seguir o caminho que o Senhor lhe indicava. Diante do fato inusitado e transformador em sua vida, naquele momento estava renascendo um novo homem, apaixonado pelo Senhor e por sua causa, a evangelização, em vista do bem da humanidade: “A evangelização é anúncio de uma existência vivida apaixonadamente pelo Evangelho”⁸.

O artigo está dividido em quatro pontos: o primeiro, recorda momentos relevantes da história de Paulo e sua conversão; segundo, aborda a luz apresentada pelo Documento de Aparecida, que traz os cinco aspectos da formação do discípulo missionário acerca da conversão de Paulo, que está em At 9,1-15; o terceiro momento analisa a perícopes 1 Cor 9,15-18 a partir dos aspectos vocacionais, missiológicos e da espiritualidade; por fim, a conclusão mostra a integralidade das três dimensões: vocação-missão-espiritualidade. “A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que tem sua origem, segundo os desígnios de Deus Pai, na missão do Filho e do Espírito Santo”⁹. O chamado vocacional,

⁴ MENDONÇA, J. T., *Nenhum Caminho Será Longo*, p. 25.

⁵ DV 21.

⁶ CATÃO, F., *Espiritualidade Cristã*, p. 20.

⁷ ESPEJA, J., *Espiritualidade Cristã*, p. 30.

⁸ ESPEJA, J., *Espiritualidade Cristã*, p. 217.

⁹ AG 2.



desperta o desejo de comunhão, de vida e doação em prol da comunidade. No batismo, na força do Espírito Santo, somos incorporados neste mistério eclesial que é cultivado na espiritualidade e testemunhado na missão, que arde o coração, sempre que recordamos.

1 Paulo de Tarso o perseguidor

Paulo era de família Judia, “nasceu entre os anos 5 e 10 d.C. na cidade de Tarso”¹⁰, e foi nesta cidade que recebeu a confirmação de seu chamado, como relata o livro de Atos: “Levanta-te, vai pela rua chamada Direita e procura, na casa de Judas por alguém de nome Saulo, de Tarso” (At 9,11). As informações tornam-se ainda mais claras, colocadas na boca do próprio Paulo: “Eu sou judeu, de Tarso da Cilícia, cidadão de uma cidade insigne” (At 21,39). Sendo filho de judeus, no oitavo dia passou pelo rito da circuncisão, “da tribo de Benjamim, hebreu filho de hebreus; quanto à Lei, fariseu” (Fl 3,5).

Segundo relato dos Atos dos Apóstolos, Paulo tinha uma irmã e um sobrinho (At 23,16) que muitas vezes, diante dos desafios da missão, buscavam orientá-lo acerca das possíveis dificuldades que poderia enfrentar. A profissão de Paulo era fabricante de tendas, artesão (cf. At 18,3). Transferiu-se para Jerusalém ainda jovem, inteligente e curioso frequentou a escola de Gamaliel, especializando-se no judaísmo; como jovem estudante apresentava tendências ao rigorismo na observância da Lei, por isso torna-se fariseu. “Criei-me nesta cidade, educado aos pés de Gamaliel na observância exata da Lei de nossos pais, cheio de zelo por Deus como vós todos no dia de hoje” (At 22,3), e segue dizendo: “Eles me conhecem de longa data e podem atestar, se quiserem, que tenho vivido segundo o segmento mais severo de nossa religião, como fariseu” (At 26,5).

Paulo era homem culto, bem-preparado, além de conhecer o judaísmo com profundidade e ortodoxia, “possuía boas noções de filosofia e do método da retórica, bem como também das religiões gregas do seu tempo, além de conhecer bem o idioma grego”¹¹. “A vida de Paulo testemunha essa imensa fluidez”¹². Na época de Paulo, em sua cidade de origem, haviam escolas filosóficas ligadas aos estoicos e cínicos, e “também escolas de educadores”¹³.

¹⁰ ROSSI, L. A. S.; PERONDI, I., *Paulo: Agente de pastoral e sementeiro de comunidades*, p. 6.

¹¹ ROSSI, L. A. S.; PERONDI, I., *Paulo: Agente de pastoral e sementeiro de comunidades*, p. 6.

¹² VASCONCELLOS, P. L.; FUNARI, P. P. A., *Paulo de Tarso*, p. 5.

¹³ ROSSI, L. A. S.; PERONDI, I., *Paulo: Agente de pastoral e sementeiro de comunidades*, p. 6.



A missão de Paulo, enquanto fariseu cheio de zelo inicia-se na perseguição dos cristãos. Em Atos dos Apóstolos o próprio Paulo testemunha sua ferocidade afirmando que era necessário “fazer muitas coisas contra o nome de Jesus Nazareu. Foi o que fiz em Jerusalém: a muitos dentre os santos eu mesmo encerrei nas prisões, recebida a autorização dos chefes dos sacerdotes; e, quando eram mortos, eu contribuía com o meu voto” (At 26,9-11). O apedrejamento de Estevão foi o “ápice dessa atividade persecutória”, como relata o livro dos Atos dos Apóstolos: “Dando gritos [...] arrastando-o para fora da cidade, começaram a apedrejá-lo. As testemunhas dispuseram seus mantos aos pés de um jovem chamado Saulo” (At 7,57-59). Por mais um período Paulo continua perseguindo a Igreja de Jesus Cristo (At 8,1-4; 9,1-2).

Mesmo diante de tanto sofrimento e sangue derramado, Paulo continuava perseverante na missão de perseguir os cristãos. É importante destacar que os rabinos fariseus não eram os mais radicais defensores do Templo, “como Gamaliel, mas os judeus de língua grega, provenientes da Diáspora, que viviam em Jerusalém e se opunham, de forma radical, àqueles que contrapunham o templo, como os essênios e os seguidores de Jesus de Nazaré”¹⁴. Neste espírito de justiça e ódio, inflamado por ameaças de morte “contra os discípulos de Jesus, dirigiu-se ao sumo sacerdote. Foi pedir-lhe cartas para as sinagogas de Damasco, a fim de poder trazer para Jerusalém, os que lá encontrasse pertencendo ao Caminho, quer homens, quer mulheres” (At 9,1-2).

O projeto ostensivo de Paulo era a defesa da Lei judaica. Para alcançar o objetivo, lutava com todas as suas forças e com tudo o que estava ao seu alcance. A postura, o comportamento, a euforia, mostravam a radicalidade de Paulo. O próprio Gamaliel intervém, dizendo: “Agora, portanto, digo-vos, deixai de ocupar-vos com estes homens. Soltai-os. Pois, se o seu intento ou sua obra provém dos homens, destruir-se-á por si mesma; se vem de Deus, porém, não podereis destruí-los” (At 5,38-39). A experiência do tempo e a dinâmica da vida, favoreceram a Gamaliel uma postura equilibrada diante dos seguidores do Caminho, como foram chamados o Cristianismo nascente (At 9,2; 24,14). O sábio rabino Gamaliel era consciente dos mistérios existentes no caminho de Deus e, que seus planos nem sempre se assemelham aos desejos da pessoa humana. Justamente assim acontece, “esse jovem radical, na defesa fervorosa do templo, perseguidor dos heréticos, passou por uma

¹⁴ VASCONCELLOS, P. L.; FUNARI, P. P. A., *Paulo de Tarso*, p. 19.



experiência mítica que transformou não apenas sua vida, como os destinos da própria humanidade”¹⁵.

2 O processo discipular de Paulo

No livro dos Atos dos Apóstolos encontram-se três perícopes que se referem à conversão de Paulo, elas são diferentes, mas se complementam. Para Lucas, as três perícopes serviriam para universalizar a experiência de Paulo, “aos cristãos, aos judeus, e aos não judeus”¹⁶. A primeira perícope está em At 9,1-25, inserida no contexto do martírio de Estêvão; a segunda é destinada aos judeus At 22,1-21; a terceira foi elaborada diante das autoridades políticas, ou seja, aos judeus e não cristãos At 26,1-23. A primeira perícope, At 9,1-25, traz os elementos da vocação, da missão e da vida espiritual de Paulo que são encontrados de forma explícita ou implícita na perícope 1Cor 9,15-18.

“Na origem de toda genuína vocação, está um encontro com o Senhor”¹⁷. O Documento de Aparecida diz que o processo de formação do discípulo missionário, a sua construção identitária se dá a partir de cinco aspectos fundamentais. A conversão e a missão são aspectos encontrados na dinâmica do processo formativo do discípulo missionário; a consciência vocacional e o cultivo da vida espiritual são constitutivos ao discípulo missionário, imprescindíveis para que o processo de formação aconteça de modo integral, permanente e dialético. A vocação é em vista de uma missão e a vida espiritual é o fundamento para que o movimento dialético da configuração seja aprofundado no decorrer da vida. Os cinco elementos do processo formativo do Documento de Aparecida são encontrados¹⁸ todos na perícope de At 9,1-25:

a) O encontro com Jesus Cristo: Aqueles que serão seus discípulos já o buscam, mas é o Senhor quem os chama: “Segue-me” (Mc 1,14; Mt 9,9). É necessário descobrir o sentido mais profundo da busca, assim como é necessário propiciar o encontro com Cristo que dá origem à iniciação cristã. Nos vv. 3-5, a perícope mostra como acontece o encontro entre Paulo e Jesus: “Estando ele em viagem e aproximando-se de Damasco, subitamente uma luz vinda do céu o envolveu de claridade. Caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saul, Saul, por que me

¹⁵ VASCONCELLOS, P. L.; FUNARI, P. P. A., *Paulo de Tarso*, p. 19.

¹⁶ ROSSI, L. A. S.; PERONDI, I., *Paulo: Agente de pastoral e semeador de comunidades*, p. 14.

¹⁷ TEXTO-BASE., *Vocação: Graça e Missão*, p. 22.

¹⁸ AP 278.



persegues? Ele perguntou: Quem és, Senhor? E a resposta: Eu sou Jesus, a quem tu persegues”.

b) A conversão: É a resposta inicial de quem escutou o Senhor com admiração, crê n’Ele pela ação do Espírito, decide ser seu amigo e ir após Ele, mudando sua forma de pensar e de viver, aceitando a cruz de Cristo, consciente de que morrer para o pecado é alcançar a vida. Os vv. 6.8-9 mostram como foi o processo inicial de conversão: “Mas levante-te, entra na cidade, e te dirão o que deves fazer. [...] Saulo ergueu-se do chão. Conduzindo-o, então, pela mão, fizeram-no entrar em Damasco”. “Esteve três dias sem ver, e nada comeu nem bebeu”.

c) O discipulado: A pessoa amadurece constantemente no conhecimento, no amor e no seguimento de Jesus Mestre, aprofunda-se no mistério de sua pessoa, de seu exemplo e de sua doutrina. No v. 18, o autor relaciona o discipulado à configuração com Jesus por meio do sacramento do batismo, instruído por Ananias: “Logo caíram-lhe dos olhos umas como escamas, e recuperou a vista. Recebeu, então, o batismo e, tendo tomado alimento, sentiu-se reconfortado”.

d) A comunhão: Não pode existir vida cristã fora da comunidade. O discípulo participa na vida da Igreja e no encontro com os irmãos, vivendo o amor de Cristo na vida fraterna solidária. No v. 17, afirma-se que Ananias impôs as mãos sobre ele e disse: “Saul, meu irmão, o Senhor me enviou, Jesus, o mesmo que te apareceu no caminho por onde vinhas. É para recuperes a vista e fiques cheio do Espírito Santo”.

e) A missão: O discípulo, à medida que conhece e ama o seu Senhor, experimenta a necessidade de compartilhar com outros a alegria de ser enviado, de ir ao mundo para anunciar Jesus Cristo, morto e ressuscitado. O discípulo deseja tornar realidade o amor e o serviço na pessoa dos mais necessitados, em uma palavra, a construir o Reino de Deus. No v. 15, Deus revela a missão de Saul: “Mas o Senhor insistiu: Vai, porque este homem é para mim um instrumento da melhor qualidade para levar meu nome diante das nações pagãs, dos reis, e dos israelitas”.

At 9,1-25, à luz do Documento de Aparecida, ilumina a reflexão da perícopes da 1Cor 9,15-18 em que é trabalhada a vocação, a missão e a espiritualidade de Paulo. A dialética do processo formativo do discípulo missionário experienciado por Paulo, com os cinco passos, resultou numa mudança profunda, ontológica. O homem de Tarso reconstruiu um novo ser e um novo agir. Na vida de Paulo não existiam meias verdades,



a decisão era sempre tomada de forma integral e com toda convicção necessária. “Conheço tua conduta: não és frio nem quente. Oxalá fosses frio ou quente! Assim, porque és morno, nem frio nem quente, estou para te vomitar de minha boca” (Ap 3,15-16).

3 Texto da perícopes da 1Cor 9,15-18

Na sequência é traduzida a perícopes 1Cor 9,15-18 a partir do texto grego, língua original dos escritos bíblicos do Novo Testamento. A tradução serve para aproximar e fidelizar os textos entre a língua de saída e a de chegada. O texto de 1Cor 9,15-18 não encontra problemas substanciais de crítica textual.

A tradução da perícopes 1Cor 9,15-18 revela a beleza e a unidade temática deste texto paulino, que trata da vocação, missão e espiritualidade do apóstolo. Todo o vocabulário empregado para a sua construção revela a confiança, a seriedade e o empenho missionário de Paulo, como homem de Deus e da Igreja, com total confiança nas mãos de Deus, sabendo-se devedor da graça divina e impelido a anunciar o Evangelho gratuitamente, como o recebeu, por pura gratuidade. Isso ajuda e muito na análise bíblica, tendo presente os campos semânticos e os elementos retóricos, bem como na estrutura e na compreensão bíblico-teológico-pastoral da perícopes.

<p>¹⁵ Ἐγὼ δὲ οὐ κέχρημαι οὐδενὶ τούτων. Οὐκ ἔγραψα δὲ ταῦτα, ἵνα οὕτως γένηται ἐν ἐμοί· καλὸν γάρ μοι μᾶλλον ἀποθανεῖν ἢ – τὸ καύχημά μου οὐδεὶς κενώσει.</p>	<p>¹⁵ Mas eu não tenho usado nenhuma destas coisas. E não escrevi estas coisas, para que assim não aconteça em mim; pois bom para mim antes morrer do que... O meu orgulho ninguém esvaziará.</p>
<p>¹⁶ εἰ γὰρ εὐαγγελίζομαι, οὐκ ἔστιν μοι καύχημα· ἀνάγκη γάρ μοι ἐπίκειται· οὐαὶ γάρ μοι ἐστὶν εἰ μὴ εὐαγγελίσωμαι.</p>	<p>¹⁶ Pois se prego o Evangelho, não é para mim motivo de orgulho, mas necessidade que me é imposta, pois é, ai de mim se não prego o Evangelho.</p>
<p>¹⁷ εἰ γὰρ ἐκὼν τοῦτο πράσσω, μισθὸν ἔχω· εἰ δὲ ἄκων, οἰκονομίαν πεπίστευμαι.</p>	<p>¹⁷ Pois se voluntariamente faço isso, tenho recompensa, mas se involuntariamente, um ofício me foi confiado.</p>
<p>¹⁸ τίς οὖν μοῦ ἐστὶν ὁ μισθός; ἵνα εὐαγγελιζόμενος ἀδάπανον θήσω τὸ εὐαγγέλιον εἰς τὸ μὴ καταχρησασθαι τῇ ἐξουσίᾳ μου ἐν τῷ εὐαγγελίῳ.</p>	<p>¹⁸ Qual é, então, a minha recompensa? Que pregando o Evangelho, de graça eu apresente o Evangelho para não fazer uso do meu direito no Evangelho.</p>

Texto de NA²⁸, tabela e tradução dos autores



Na perícopre 1Cor 9,15-18 não se encontra citação direta do Antigo Testamento, mas facilmente percebe-se influência do pensamento profético no escrito paulino, principalmente de Isaías e Jeremias. O termo grego *oúai*, traduzido pelo advérbio “ai”, encontra-se na literatura profética de Isaías e Jeremias¹⁹. Mas, Paulo utiliza a linguagem que “impõe uma inversão do ‘ai’ autodirecionado que os profetas exortam diante do sofrimento enfrentado no exercício de seu ministério”²⁰.

Paulo aproxima-se e distancia-se de Jeremias; assemelha-se aos desafios e sofrimentos no exercício da missão; distancia-se pelo fato de não murmurar, mesmo diante da contingência, orgulha-se. A partir da consciência vocacional, do encanto pela missão e da profunda espiritualidade, Paulo busca cotidianamente ressignificar o sofrimento, a inspiração paradigmática é Jesus Cristo. “Para Paulo, a razão para lamentar seria não pregar o evangelho”²¹. Jeremias, nos momentos frágeis, desejou não ter nascido: “ai de mim, minha mãe, porque tu me geraste homem de disputa e homem de discórdia para toda terra” (Jr 15,10). O apóstolo, ao contrário, persevera. Prefere a morte ao esmorecer na missão. A perseverança, fruto da consciência vocacional é motivo de orgulhar-se do e pelo Evangelho. O contexto de Paulo e dos profetas é distinto, mas, independentemente do contexto, os desafios sempre evidenciam as fragilidades humanas e são necessários para a maturidade vocacional, espiritual e missionária: “A alegria trazida pelo Ressuscitado é permanente e vence todos os obstáculos”²².

3.1 Vocação

A perícopre 1Cor 9,15-18, à luz dos aspectos da formação do discípulo missionário do Documento de Aparecida, oferece os fundamentos necessários à vocação, espiritualidade e missão. Vocação, espiritualidade e missão não são dimensões dicotômicas, pelo contrário, o chamado e a experiência espiritual estão intrinsecamente relacionados a missão. O Documento de Aparecida afirma que a consciência do cristão, de pertencer a Cristo, gera uma alegria e produz gestos de gratuidade que precisam ser comunicados a todos; o dom do encontro precisa ser compartilhado, pois

¹⁹ Is 6, 5: “Ai de mim, estou perdido! Com efeito, sou homem de lábios impuros e vivo no meio de um povo de impuros”; outros “ais” são encontrados também em Is 24,16.

²⁰ CIAMPA, R. E.; ROSNER, B. S., *1Coríntios*, p. 898.

²¹ CIAMPA, R. E.; ROSNER, B. S., *1Coríntios*, p. 899.

²² LIMA, M. C., *A alegria na Evangelii Gaudium*, p. 55.



transborda o coração: “A missão não se limita a um programa ou projeto, mas é compartilhar a experiência do acontecimento do encontro com Cristo, testemunhá-lo e anunciá-lo de pessoa a pessoa, de comunidade a comunidade e da Igreja a todos os confins do mundo”²³.

O encontro desperta a consciência vocacional, manifesta-se na busca do aprofundamento espiritual e no testemunho missionário. Este movimento concêntrico faz parte da mesma dinâmica e do mesmo fundamento, Jesus Cristo, pois “a vocação é dom, graça”²⁴, e a iniciativa do chamado é sempre de Deus: “Tornar-se discípulo, encrava-se na experiência de um encontro com Jesus Cristo. Encontro amistoso cuja iniciativa pertence ao Senhor e que constitui o ponto de partida de um caminhar”²⁵. A espiritualidade é o que mantém de pé o vocacionado na missão, porque o mantém intimamente unido a seu Senhor e Mestre.

Neste sentido, percebe-se que os aspectos vocacionais da perícopre 1Cor 9,15-18 estão implícitos na convicção missionária de Paulo. A partir do amor pela ação missionária do apóstolo, é possível chegar ao princípio, ao encontro com Jesus Cristo que se manifesta “subitamente como uma luz vinda do céu no caminho de Damasco” (At 9,3): “O chamado de Jesus ao seu seguimento é uma ação amorosa de Deus, é graça transformadora. Não depende dos méritos, dos estudos, da instrução [...]. O chamado se dá apenas pelo amor gratuito de Deus”²⁶. A vocação está relacionada a uma experiência amorosa com Deus. A pessoa, muitas vezes resiste ao chamado, tem medo, mas a vontade de Deus é irresistível e a ela se dobra a vontade daquele que foi chamado, mesmo quando seus interesses e projetos sejam outros (Am 3,3-8; 7,14). Quem é chamado é também marcado e transformado. A vocação dá um sentido especial à sua vida, ilumina-a, torna-se o centro e o impulso anterior de sua experiência. A vocação cria personalidade.

No v. 15 da perícopre, a vocação torna-se uma fidelidade permanente, capaz de superar obstáculos e decepções, inclusive em situações limites e desafiadoras. Nessas horas, é a vocação inicial e a promessa de Deus que sustentam o escolhido a prosseguir pelo caminho, fielmente, mesmo na provação. Muitas vezes a vocação é uma caminhada, da qual se conhece o ponto de partida, mas não se vislumbra aonde se chegará. A

²³ AP 145.

²⁴ TEXTO-BASE., *Vocação: Graça e Missão*, p. 26.

²⁵ GUTIÉRRES, G., *Beber no próprio poço*, p. 47.

²⁶ TEXTO-BASE., *Vocação: Graça e Missão*, p. 26.



vocação, quando assumida e reconhecida como manifestação do amor de Deus, torna-se intrínseca à vida, não a exercer significa perder o sentido. No v. 15, Paulo expressa-se como que em situação limite, afirmando: “pois bom para mim antes morrer do que...”.

No v. 16 a vocação está relacionada à realização pessoal. Quando a vocação específica é acertada, o sentimento de satisfação faz com que a pessoa se torne plena, por isso Paulo afirma que “pregar o Evangelho não é orgulho, mas necessidade”. A realização vocacional satisfaz o desejo de comunhão que há no coração da pessoa humana, já que é criado à “imagem e semelhança de Deus” (Gn 1,27). Para Catão, “o desejo de Deus é a expressão concreta da capacidade que o ser humano tem de conhecer e amar Deus”²⁷.

Jesus manifesta-se a Paulo através dos símbolos da luz e da palavra. Chama e ilumina! A reconfiguração dá-se a partir do encontro e do desejo de comunhão. Saulo “cai por terra” de todas as suas *pseudos* verdades e seguranças; necessita passar por um período de três dias de escuridão existencial para que inicie uma nova vida. A gratidão é um elemento essencial no dinamismo vocacional, por isso Paulo afirma, no final do v. 16: “ai de mim se não prego o Evangelho”. O sim ao chamado vocacional é “uma resposta de amor e gratidão ao Amor recebido gratuitamente de Deus, que move a entrega da vida pela salvação do próximo”²⁸.

O serviço apostólico de Paulo é pura gratidão pelo encontro e pela transformação, pela nova vida. Neste sentido, o apóstolo tem consciência de estar em dívida para com Deus, porque o amou por primeiro. A gratidão é respondida, nos vv. 17-18, pelo compromisso gratuito. A recompensa é a salvação, dada por Jesus; agora é só continuar trabalhando para que se prolongue na eternidade, até o Reino de Deus: “Aquele que foi ferido de amor não pode guardar para si tal graça sem a fazer resplandecer em todas as dimensões de sua vida”²⁹. A vida de Paulo torna-se vocação, ofertada à missão.

O chamado ecoa no coração e faz com que a pessoa tome consciência das fragilidades humanas, Paulo, a partir de suas atitudes e convicções demonstra aspectos de um homem autorreferencial. Diante da cegueira e da escuridão, consequentes do encontro com Jesus, ele precisou ser

²⁷ CATÃO, F., *Espiritualidade Cristã*, p. 19.

²⁸ TEXTO-BASE., *Vocação: Graça e Missão*, p. 29.

²⁹ TEXTO-BASE., *Vocação: Graça e Missão*, p. 29.



conduzido até Ananias. A vocação exige conversão! Neste sentido, Paulo precisou superar a autorreferencialidade, abrir-se e tomar consciência de que o processo não depende somente das próprias dimensões intelectivas e de fé. O caminho é coletivo e não isolado da comunidade: “Abandonar a autorreferencialidade é, em outras palavras, uma conversão, um ato de fé que faz soltar as margens conhecidas e cômodas, ouvir com o coração a voz de Jesus, arriscar-se e entrar em seu dinamismo”³⁰.

3.2 Missão

O serviço é missão em resposta à vocação! Paulo busca pregar o Evangelho incansavelmente e destemidamente em todas as regiões, doando-se por inteiro, ofertando o que tem de mais precioso, sua vida. Na perícopes 1Cor 9,15-18, o compromisso de Paulo com a missão é relevante. A consciência missionária de Paulo está intrinsecamente relacionada à sua conversão e ao encontro transformador com Jesus Cristo, ou seja, ao processo de discernimento vocacional. “Esta experiência convenceu Paulo de que o Deus de Israel era, na realidade um Deus decidido a salvar a humanidade inteira”³¹. O “ide” de Jesus ressoou com profundidade no coração do apóstolo; tornou-se impossível guardar para si mesmo uma experiência tão significativa e transformadora: “Mas recebereis uma força, a do Espírito Santo que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e a Samaria, e até os confins da terra” (At 1,8; 2,38c-39).

O chamado e o envio missionário de Jesus inauguram um novo momento, ampliar a comunidade da “Nova Aliança. O envio da parte de Jesus supõe essa nova comunidade e o novo modo de ser presente na história”³². O vocacionado, ao ser chamado, supera a autorreferencialidade comprometendo-se com a vida da comunidade, assumindo para si a missão de Jesus que é reunir em torno de si a Igreja, “o novo povo de Deus”³³. “A abrangência deste discipulado, que consiste em tornar-se participante da mesma missão de Jesus implica uma nova compreensão de toda realidade criada”³⁴. A missão exige a predisposição constante de

³⁰ TEXTO-BASE., *Vocação: Graça e Missão*, p. 55.

³¹ SENIOR, D; STUHLMUELLER, C., *Os Fundamentos Bíblicos da Missão*, p. 232.

³² TEXTO-BASE., *Vocação: Graça e Missão*, p. 64.

³³ LG 13.

³⁴ TEXTO-BASE., *Vocação: Graça e Missão*, p. 65.



abertura à conversão; o apóstolo não possui o olhar absoluto referente à realidade e às verdades.

O missionário favorece às pessoas um encontro com Jesus a partir do testemunho, por isso, no v. 15, Paulo diz: “Pois bom para mim antes morrer do que...”. E Jesus adverte que: “Caso alguém escandalize um destes pequeninos que creem em mim, melhor seria que lhe pendurassem ao pescoço uma pesada mó e fosse precipitado nas profundezas do mar” (Mt 18,6). O Evangelho, ao ser encarnado, implica um compromisso ético-moral, um modo de viver a partir de Jesus Cristo que desperte e encante o desejo de conhecê-lo. O próprio Paulo desafia os seus interlocutores: “Tende em vós o mesmo sentimento de Cristo Jesus” (Fl 2,5). Diante dessa experiência e convicção, a vida do apóstolo torna-se missão, perde o sentido da vida, caso não seja para testemunhar Jesus Cristo de modo integral. A missão “é algo que não posso arrancar do meu ser, se não me quero destruir”³⁵; “A missão é uma paixão por Jesus, e simultaneamente uma paixão pelo seu povo”³⁶.

Paulo parte para missão vinculado a uma comunidade eclesial e o seu testemunho desperta o desejo de comunhão, relação e proximidade. O encontro é pessoal, mas, a vida fraterna é o espaço onde as pessoas se reúnem, aprofundam e renovam a fé. No final do v. 15 Paulo diz: “O meu orgulho ninguém esvaziará”. O orgulho que Paulo refere-se não está relacionado à superioridade ou soberba, mas ao sentido de estar sendo fiel a Jesus Cristo, esvaziando-se de si mesmo e configurando-se ao Mestre.

Como afirma o Papa Francisco: “Eu sou uma missão nesta terra, e para isso estou neste mundo. É preciso considerarmo-nos como que marcados a fogo por esta missão de iluminar, abençoar, vivificar, levantar, curar, libertar”³⁷. A frase citada da *Evangelii Gaudium* ajuda a melhor entender o final do v. 16, quando Paulo afirma com veemência: “Aí de mim se não prego o Evangelho”. O coração do apóstolo foi “ferido”, tatuado com as digitais de Jesus Cristo, por isso, pregar não é mais possibilidade, apresenta-se como uma vocação, algo que lhe transformou ontologicamente. Neste sentido, o Documento de Aparecida afirma: “Cumprir essa missão não é tarefa opcional, mas parte integrante da identidade cristã, porque é a extensão testemunhal da vocação mesmo”³⁸.

³⁵ EG 273.

³⁶ EG 268.

³⁷ EG 273.

³⁸ AP 144.



No v. 18 encontra-se uma pergunta pertinente de Paulo: “Qual é, então, a minha recompensa?” Qual é a recompensa do missionário? Jesus diz: “Alegrai-vos, antes, porque vossos nomes estão inscritos no céu” (Lc 10,20). Esta é a certeza que anima, inspira e motiva o missionário. A garantia de comunhão com Aquele que o coração humano tanto deseja, Deus – Uno – Trino: “A comunhão pessoal e comunitária com Deus é a vocação definitiva a que todos os humanos somos chamados, por puro dom de Deus”³⁹. Assumindo a integralidade da missão, a pessoa humana tem possibilidade de satisfazer a saudade do paraíso, sentimento que lhe acompanha desde os primórdios, quando a serpente suscitou no coração de Adão e Eva o desejo de abdicarem de Deus, conseguindo distraí-los do chamado e missão que Deus lhes havia confiado.

3.3 Espiritualidade

Segundo Castilho, “poderíamos definir a espiritualidade como a vida segundo o espírito, isto é, a forma de vida que se deixa guiar pelo Espírito de Cristo”⁴⁰. A partir desta concepção, a espiritualidade envolve todas as dimensões da vida da pessoa. Neste sentido, a vocação e o compromisso missionário, necessitam do aspecto espiritual. Caso contrário, o coração pode esmorecer diante dos desafios e mergulhar no vazio, reflexo do ativismo pastoral sem vida espiritual. O Papa Francisco chama esta realidade de “mundanismo espiritual, que se esconde por detrás de aparências de religiosidade e até mesmo de amor à Igreja, e diz que isso significa buscar, em vez da glória do Senhor, a glória humana e o bem-estar pessoal”⁴¹.

Os aspectos espirituais da perícopre 1Cor 9,15-18 contém os pressupostos da revelação do amor de Deus os quais Paulo teve a oportunidade de experienciar no caminho de Damasco. No caminho dá-se o encontro. Momento crucial na vida do apóstolo. Passa por uma transformação profunda e ressignifica toda a existência a partir do evento pascal: “À iniciativa de Cristo corresponde uma transformação do sujeito – nova criatura: tornar-se filho, no Filho; o ‘em Cristo’ é o âmbito vital do cristão”⁴².

Na vida do apóstolo acontece um processo de conversão. O Documento de Aparecida define o termo conversão como: uma resposta de

³⁹ CATÃO, F., *Espiritualidade Cristã*, p. 18.

⁴⁰ CASTILLO, M, J., *Espiritualidade para insatisfeitos*, p. 17.

⁴¹ EG 93.

⁴² MONDONI, D., *História e teologia da espiritualidade*, p. 27.



quem “escutou o Senhor com admiração, crê n’Ele pela ação do Espírito, decide ser seu amigo e ir após Ele, mudando sua forma de pensar e de viver, aceitando a cruz de Cristo, consciente de que morrer para o pecado é alcançar a vida”⁴³. Vale destacar: “seguir Jesus é seguir uma pessoa, e segui-la de tal forma que esse seguimento não admite nenhuma condição”⁴⁴. A entrega precisa ser total, plena, caso contrário não existirá realização da mesma em doação a Deus e aos irmãos.

Na primeira parte de 1Cor 9,15, Paulo afirma: “Mas eu não tenho usado nenhuma destas coisas”. Esse versículo mostra a liberdade de Paulo em relação às recompensas que pode receber pregando o Evangelho. Por que não usa destas coisas? Porque a única coisa realmente necessária é estar a serviço de Jesus Cristo que o resgatou da escravidão da Lei: “Pois aquele que era escravo quando chamado no Senhor, é liberto no Senhor” (1Cor 7,22). A espiritualidade o liberta e lhe oferece o que é essencial. Deus basta! Paulo tem consciência de que, caso utilize, as benesses do Evangelho, mesmo tendo direito, sua vida não será doada de forma integral à missão e seu testemunho não será mais motivo de glória. Como afirma Barbaglio: “Ninguém poderá tirar este título de glória, que consiste no anúncio desinteressado do evangelho”⁴⁵.

Na segunda parte de 1Cor 9,15, o apóstolo diz: “E não escrevi estas coisas, para que assim não aconteça em mim; pois bom para mim antes morrer do que...”. A espiritualidade exige a capacidade de entregar-se. Diante do pecado, do contratestemunho, a vida perde o significado, “a espiritualidade terá que ser encontro e manifestação do verdadeiro Deus”⁴⁶. A espiritualidade da perícopa 1Cor 9,15-18 está voltada à comunidade e Paulo deseja ser presença de Jesus Cristo à comunidade; assim a comunidade de Corinto permanece florescente e viva. A possibilidade de entregar a vida, mostra que é preciso “rejeitar a tentação duma espiritualidade intimista e individualista, que dificilmente se coaduna com as exigências da caridade, com a lógica da encarnação”⁴⁷.

Em 1Cor 9,16, Paulo diz: “Pois se prego o Evangelho, não é para mim motivo de orgulho, mas necessidade que me é imposta, pois é, ai de mim se não prego o Evangelho”. Neste versículo tem-se a possibilidade

⁴³ AP 278.

⁴⁴ CASTILLO, M, J., *Espiritualidade para insatisfeitos*, p. 25.

⁴⁵ BARBAGLIO, G., *As Cartas de Paulo I*, p. 283.

⁴⁶ ESPEJA, J., *Espiritualidade Cristã*, p. 39.

⁴⁷ EG 262.



de relacionar as palavras de Paulo a João Batista, quando afirma: “É necessário que ele cresça e eu diminua” (Jo 3,30). A espiritualidade leva à humildade. “É a humildade do coração que reconhece que a Palavra sempre nos transcende, que somos, não os árbitros nem os proprietários, mas os depositários, os arautos e os servidores”⁴⁸. A humildade gera a consciência do serviço e de identificação com a figura paradigmática, ou seja, realmente só é possível falar de espiritualidade vocacionado ao Reino a partir de Jesus Cristo. Ele é o centro e o modelo: “Deve-se por isso reconhecer que a espiritualidade centrada em Jesus é genuinamente trinitária”⁴⁹. O Espírito Santo é quem conduz, quem desperta no coração o desejo de configurar-se a Jesus e de comunhão com Deus-Pai.

Para Paulo, o chamado não está relacionado aos méritos particulares, por isso, não pode orgulhar-se, mas sim, diante da graça recebida, pregar o Evangelho é praticamente uma necessidade: “Este amor de Deus é gratuito, nos é dado sem que o mereçamos”⁵⁰. Ainda, como diz Gutiérrez, “o verdadeiro amor é sempre um dom”⁵¹. Paulo não tem dúvidas sobre isso e afirma: “Por isto, me comprazo nas fraquezas, nos opróbrios, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por causa de Cristo. Pois quando sou fraco, então é que sou forte” (2Cor 12,10). De acordo com Gutiérrez, “a experiência da gratuidade é o espaço do encontro com o senhor”⁵². Sendo assim, o v. 16 traz à espiritualidade as dimensões de humildade, confiança e gratuidade. Paulo abandona-se totalmente na graça de Deus.

Nos vv. 17-18, Paulo reafirma que a iniciativa do encontro é sempre de Deus, por isso diz: “Mas se involuntariamente, um ofício me foi confiado. Qual é então, a minha recompensa?”. Segundo Espeja, “antes que busquemos a Deus, seu amor já nos encontrou e nos conduz à busca”⁵³ e ao testemunho, em vista dos irmãos. Neste amor é oferecido um novo ser, um novo nascimento que permite reconstruir a vida como nova criatura. A convicção de Paulo nos vv. 17-18 é a resposta da maturidade espiritual, dimensão fundamentada na experiência existencial, na qual se sente amado, acolhido e transformado.

⁴⁸ EG 146.

⁴⁹ CATÃO, F., *Espiritualidade Cristã*, p. 26.

⁵⁰ GUTIÉRRES, G., *Beber no próprio poço*, p. 121.

⁵¹ GUTIÉRRES, G., *Beber no próprio poço*, p. 121.

⁵² GUTIÉRRES, G., *Beber no próprio poço*, p. 122.

⁵³ ESPEJA, J., *Espiritualidade Cristã*, p. 121.



Conclusão

A perícopes 1Cor 9,15-18 oferece elementos substanciais para o cristão integrar e amadurecer a vocação, a dimensão espiritual e o compromisso missionário, três aspectos relevantes para a comunidade eclesial que se organiza a partir do encontro com Jesus. Como recordado na introdução do artigo, o objetivo do 3º Ano Vocacional é o de “promover a cultura vocacional nas comunidades eclesiais, nas famílias e na sociedade, para que sejam ambientes favoráveis ao despertar de todas as vocações, como graça e missão, a serviço do Reino de Deus”. Chegar a este objetivo proposto, faz-se necessário um processo de amadurecimento, comprometimento relacional a partir dos três aspectos refletidos: vocação, missão e vida espiritual.

A fidelidade é pedida ao mandato de Jesus Cristo: “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15). O Reino se propaga, expande-se na medida em que os encontros vão acontecendo na história e que, concomitantemente, as vidas são transformadas. O apóstolo precisa favorecer os aspectos necessários para iniciar o processo de conversão. Paulo mostra um itinerário a partir da perícopes analisada, gratuidade e liberdade, humildade e disponibilidade, desafios e esperança, aspectos estes que são imprescindíveis para o cultivo da vocação, missão e vida espiritual. Hoje, repetidamente, as três dimensões são explicitadas nas falas, reflexões e gestos do Papa Francisco, como via de santificação e semente de transformação do mundo. Francisco diz que o cristão precisa resgatar a leveza e a alegria de encontrar-se com Jesus, que nos ama e transforma a vida e inspira-nos à missão.

O Documento de Aparecida afirma: “Todo discípulo é missionário, pois Jesus o faz partícipe de sua missão, ao mesmo tempo que o vincula a Ele como amigo e irmão”⁵⁴. O missionário, a partir do testemunho, deve desafiar o sujeito a abrir-se para experiência comunitária, tendo como modelo a comunidade primitiva. Nos primórdios, os cristãos “tinham um só coração” (At 4,32) e “mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações” (At 2,42). “Portanto, os missionários, colaboradores de Deus, devem fazer nascer comunidades de fiéis”⁵⁵.

⁵⁴ AP 144.

⁵⁵ AG 15.



As palavras, os gestos e as ações de Jesus Cristo precisam ser manifestas pelos discípulos missionários hoje e sempre. O Documento de Aparecida sintetiza afirmando: “Por isso mesmo, o discípulo missionário há de ser um homem ou uma mulher que torna visível o amor misericordioso do Pai, especialmente para com os pobres e pecadores”⁵⁶. Em Corinto, despertada por Paulo, a comunidade florescia entre os mais insignificantes da sociedade, pois seus membros encontravam em Jesus a libertação.

Paulo abdica os recursos da comunidade em vista de sua liberdade para testemunhar de forma radical o chamado de Deus, recordando sempre o chamado e a iniciativa divina: “A vocação ao discipulado missionário é *con-vocação* à comunhão em sua Igreja. Não há discipulado sem comunhão”⁵⁷. Assim sendo, constatou-se que a perícopre 1Cor 9,15-18 objetiva a comunhão e a consciência de responsabilidade para com a comunidade. Mais ainda, “Cristo ressuscitado e glorioso é a fonte profunda da nossa esperança, e não nos faltará a sua ajuda para cumprir a missão que nos confia”⁵⁸. Paulo não tem dúvida em afirmar: “οὐαὶ γάρ μοί ἐστιν ἐὰν μὴ εὐαγγελίσωμαι/ ai de mim, pois, se não prego o Evangelho” (1Cor 9,16).

A antropologia teológica compreende “o ser humano a partir de uma perspectiva relacional”⁵⁹. O ser humano é um nó de relações; um ser aberto à transcendência e à imanência. A espiritualidade cristã consiste “numa resposta às mais profundas e autênticas exigências que o ser humano”⁶⁰ busca, deseja, procura enquanto indivíduo. Por outro lado, a espiritualidade também “apresenta-se como a proclamação do caminho a seguir por todos, na busca da realização final de si mesmos”⁶¹. É a possibilidade oferecida à pessoa humana de encontrar o sentido vocacional, existencial, a partir da relação com Deus e com o próximo, comprometendo-se com o serviço. A saudade do paraíso acompanha-nos, só é possível o retorno, quando deixamo-nos encontrar por Deus que nos procura. “Iahweh Deus chamou o homem: ‘Onde estás?’” (Gn 3,9). Paulo deixa-se encontrar e transforma-se, e afirma: “Que pregando o Evangelho, de graça eu apresente o Evangelho...” (1Cor 9,18).

⁵⁶ AP 147.

⁵⁷ AP 156.

⁵⁸ EG 277.

⁵⁹ RUBIO, G. A., *Unidade na Pluralidade*, p. 131.

⁶⁰ CATÃO, F., *Espiritualidade Cristã*, p. 156.

⁶¹ CATÃO, F., *Espiritualidade Cristã*, p. 156.



Referências

- BARBAGLIO, G. *As Cartas de Paulo (I)*. São Paulo: Loyola, 1989.
- BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 2. impr. São Paulo: Paulus, 2003.
- BOFF, C. *Teoria do Método Teológico*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BRAKEMEIER, G. *A Primeira Carta do Apóstolo à Comunidade de Corinto: Um comentário exegético-teológico*. São Leopoldo: Sinodal, 2008.
- CATÃO, F. *Espiritualidade Cristã*. São Paulo: Paulinas, 2009.
- CASTILLO, M, J. *Espiritualidade para insatisfeitos*. São Paulo: Paulus, 2012.
- CELAM. *Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Brasília, CNBB; São Paulo: Paulinas: Paulus, 2007.
- CIAMPA, R. E.; ROSNER, B. S. 1Coríntios. In: BEALE, G. K.; CARSON, D. A. (org.). *Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2014. p. 865-936.
- DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Ad Gentes*. In: COSTA, L. (Coord. Geral). *Documentos da Igreja*. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. Constituições, decretos, declarações. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2007. p. 430-489.
- DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Dei Verbum*. In: COSTA, L. (Coord. Geral). *Documentos da Igreja*. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. Constituições, decretos, declarações. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2007. p. 347-367.
- DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Lumen Gentium*. In: COSTA, L. (Coord. Geral). *Documentos da Igreja*. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. Constituições, decretos, declarações. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2007. p. 101-197.
- EALE, G. K. *Manual do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. Exegese e Interpretação. São Paulo: Vida Nova, 2023.
- ELLIGER, K.; RUDOLPH, W. (ed.). *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.
- ESPEJA, J. *Espiritualidade Cristã*. Petrópolis: Vozes, 1994.



FEE, G. D. *1 Coríntios*. Comentário exegético. São Paulo: Vida Nova, 2019.

FRANCISCO, P. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus: Loyola, 2013.

GONZAGA, W. O Corpus Paulinum no Cânon do Novo Testamento, *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 55, jan./abr.2017, p. 19-41. Doi: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.29100>.

GONZAGA, W.; MIRANDA, B. G. Mc 10,46-52: Bartimeu, de mendigo em Jericó a discípulo, *Encontros Teológicos*, Florianópolis, v. 35, n. 3, set./dez. 2020, p. 541-568. Doi: <https://doi.org/10.46525/ret.v35i3.1630>

GUTIÉRRES, G. *Beber no próprio poço*. Itinerário espiritual de um povo. Petrópolis: Vozes, 1984.

KISTEMAKER, S. *1 Coríntios*. Comentário do Novo Testamento. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

LIMA, M. C. A alegria na *Evangelii Gaudium*: Aspectos relevantes da teologia do Antigo e do Novo Testamento. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (org.). *Evangelii Gaudium em questão: Aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUCRIO, 2014.

MONDONI, D. *História e teologia da espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 2014.

MORRIS, L. *1 Coríntios*. Introdução e Comentário. São Paulo: Vida Nova, 2011.

NESTLE-ALAND (ed.). *Novum Testamentum Graece*. Ed. XXVIII. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A Interpretação da Bíblia na Igreja*. 9. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

QUESNEL, M. *As Epístolas aos Coríntios*. Cadernos Bíblicos. Vol. 20. São Paulo: Paulinas, 1983.

RAHLFS, A.; HANHART, R. (ed.). *Septuaginta*. Editio Altera. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft. 2006.

RIBEIRO, O. J. A. *Comentário Exegético: 1 Coríntios*. Kindle, 2019.



ROSSI, L. A. S.; PERONDI, I. *Paulo: Agente de pastoral e semeador de comunidades*. São Paulo: Paulus, 2019. (Coleção O Mundo da Bíblia, v. 4).

RUBIO, G, A. *Unidade na Pluralidade*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1989.

SENIOR, D; STUHLMUELLER, C. *Os Fundamentos Bíblicos da Missão*. São Paulo: Paulinas, 1987.

SILVA, M. F. S. *Pausânias: descrição da Grécia, livro II*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022.

TEXTO-BASE. *Vocação: Graça e Missão*. “Corações ardentes, pés a caminho”. Brasília: Edições CNBB, 2022.

VASCONCELLOS, P. L.; FUNARI, P. P. A. *Paulo de Tarso: Um apóstolo para as nações*. São Paulo: Paulus, 2013.

WALTER, E. *A Primeira Epístola aos Coríntios*. Petrópolis: Vozes, 1973.